

ENTREVISTA | CAROLINA CHALITA

ATRIZ

Juliana Chalita/Divulgação



‘Ser mulher é quase uma nacionalidade’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

“Eu Matei Sherazade, Confissões De Uma Árabe Em Fúria” é uma peça de contágio, para qual não existe cura. E quem vê não quer ser curado: quer bis. Roda o Brasil há uns anos: começou a ganhar ribaltas em outubro de 2024, e agradou; agradou tanto que sempre encontra pauta para voltar. Uma vez tocado pela autopsia em corpo vivo que a atriz Carolina Chalita faz não só de uma civilização milenar, mas da própria condição feminina, a contaminação se espalha... e na forma de encantaria. Seu desempenho esplendoroso à frente de um projeto pavimentado sob um livro homônimo da jornalista e escritora libanesa Joumana Haddad faz muita gente retornar às casas de espetáculo onde a estrela – em estado de graça – festeja ancestralidades e combate os djins da intolerância.

A encenação da hora será no Teatro TotalEnergies, na Glória, onde o monólogo terá apenas três apresentações nos próximos dias: 24, 25 e 26 de julho. Na sexta-feira e no sábado é às 20h. No domingo, às 18h. Indicada ao Prêmio APTR por regar uma lavoura arcaica de vivências, Chalita atua e assina a dramaturgia, sob a direção de Miwa Yanagizawa. A direção musical é de Beto Lemos. A música ao vivo fica a cargo de Maria Clara Valle. Após a reestreia no Rio, o espetáculo segue em tour até outubro pelas unidades do SESC RJ e no Centro Cultural do Poder Judiciário (CCPJ).

Em erupção em cena, o vulcão Chalita – que tem ascendência no Líbano, como Joumana – narra as confissões de uma árabe enfurecida pela maneira como a mulher é vista por seu próprio povo e pelo olhar preconceituoso do Ocidente. Sua fúria é cheia de poesia.

O que a condição de “ser árabe” passou a representar para você ao longo do périplo da peça? O que há de árabe na tua essência e na tua vivência?

Carolina Chalita – Ser árabe, para mim, é uma condição que antecede esta peça. É uma herança que atravessa a minha história muito antes de eu encontrar o texto de Joumana Haddad. Sou descendente de libaneses da região de Bakhafra, no norte do Líbano. Meus bisavós, Semeuia Thanus Chalita e Milhem Seba Chalita, chegaram ao Brasil em 1896, sem falar uma palavra de Português, fugindo da guerra. Começaram

como mascates, construíram patrimônio, fundaram uma fábrica de tecidos e criaram o primeiro cinema do Vale do Paraíba, em Cachoeira Paulista. Sempre que penso neles e em sua extraordinária capacidade de recomeçar. Essa história moldou profundamente a minha maneira de olhar o mundo. Cresci entendendo que ser árabe é carregar uma cultura empreendedora, resiliente e profundamente comprometida com o conhecimento. Um povo que aprendeu, ao longo dos séculos, a transformar deslocamentos, perdas e adversidades em criação. Talvez por isso, o meu encontro com ‘Eu Matei Sherazade’ tenha sido